

**FORMAÇÃO DOCENTE E PRODUÇÃO DE VÍDEO ESTUDANTIL: UM OLHAR A
PARIR DA REALIDADE ESCOLAR**

**TEACHER EDUCATION AND STUDENT VIDEO PRODUCTION: A LOOK AT
SCHOOL REALITY**

Vânia Dal Pont Pereira da Silva¹
Maristani Polidori Zamperetti²

Recebido em: 15/03/21
Aceito em: 10/05/2021

Resumo: O artigo apresenta e discute resultados de uma pesquisa realizada com professores da rede municipal de ensino do estado do Rio Grande do Sul, sobre a produção de vídeo estudantil e a formação docente. Os dados foram coletados juntamente ao projeto de Extensão de Produção de Vídeo Estudantil da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em agosto de 2019. Discute-se o crescimento da produção de vídeo dentro do contexto escolar como possibilidade de aprendizagem e se faz uma aproximação com a realidade vivenciada pelos jovens nas experiências oferecidas pelas escolas. Observou-se o distanciamento das tecnologias na formação docente e verificou-se que o percurso realizado pelos docentes que se envolvem com a produção de vídeo é vivenciado de forma autônoma. Ainda foi possível detectar algumas contribuições da produção de vídeo no âmbito escolar e as dificuldades encontradas na formação docente.

Palavras-chave: Aprendizagem; Produção de Vídeo; Formação Docente.

Abstract: The article presents and discusses the results of a survey carried out with teachers from the municipal education system in the state of Rio Grande do Sul, on student video production and teacher education. The data were collected together with the Student Video Production Extension project at the Federal University of Pelotas (UFPEL) in August 2019. The growth of video production within the school context is discussed as a possibility for learning and an approach is made to the reality experienced by young people in the experiences offered by schools. It was observed the distance of technologies in teacher training and it was found that the path taken by teachers who engage with video production is experienced autonomously. It was still possible to detect some contributions of video production in the school environment and the difficulties encountered in teacher training.

Keywords: Learning; Video production; Teacher Training.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo de constantes mudanças, muitas delas realizadas pela tecnologia, que diminuiu a distância entre as pessoas e possibilita que seus usuários, mesmo sem conhecimento técnico, se tornem produtores de conteúdo. Fotografar e produzir vídeos se

¹Doutoranda pela Universidade Federal de Pelotas(UFPeL), Campus FaE. Pesquisa sobre produção de vídeo e formação docente. E-mail: vaniadalpont@gmail.com

²Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal de Pelotas (Centro de Artes/Faculdade de Educação). Pesquisa sobre Tecnologias, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais. E-mail: maristaniz@hotmail.com

tornou algo comum no dia-a-dia das pessoas, que, para isso, contam com o auxílio de aparelhos como: celular, máquina fotográfica e *tablets* cada vez mais sofisticados.

Conforme dados da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), em janeiro de 2018 o Brasil tinha um número expressivo de celulares contando com 236,2 milhões de linhas móveis ativas. Este dado se potencializa quando comparado com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2018, que comprovou que neste ano a população brasileira estava estimada em 208,5 milhões de pessoas. Sendo assim, o cruzamento destes dados demonstra que no Brasil, há mais celulares ativos do que habitantes, ou seja, uma pessoa pode ter mais que um aparelho de telefonia móvel.

A origem dos sites de exibição de vídeos, em que o sujeito pode criar um canal e postar vídeos gratuitamente, nasceu com o *YouTube* em 2005, ano em que Chad Hurley e Steve Chen iniciaram a criação de um programa de computador para dividir vídeos com os amigos, pois, naquele momento, enviar um vídeo via e-mail demorava muito e nem sempre era possível realizar o compartilhamento. A palavra *YouTube*, foi concebida por dois termos da língua inglesa: *You*, que significa “você” e *Tube* que se aproxima de televisão, ou seja, o intuito da criação desta nova palavra seria de levar aos indivíduos uma nova terminologia, traduzido como: a televisão feita por você.

Pode-se dizer que grande parte dos habitantes do mundo levaram a sério a história da “televisão feita por si mesmo”, passando a produzir conteúdos dos mais variados, e fazendo com que o site do *YouTube* crescesse e se tornasse conhecido globalmente, levando-o a ganhar o prêmio de melhor invenção do ano de 2006 pela revista americana *Time*. Atualmente, com mais de um bilhão de acessos diários, o site do *YouTube* é reconhecido como um dos maiores sites de disseminação de informação do mundo. Assim, sem ter a intenção, Chad Hurley e Steve Chen, deram início a uma revolução silenciosa que se perpetua até os dias atuais (DANTAS, 2019).

Segundo a revista *Exame* (2014), os brasileiros formam o segundo mercado consumidor de vídeos na internet, tornando o *YouTube* o site mais acessado no Brasil, com média de um milhão de acessos por dia, permitindo que muitas pessoas possam de forma amadora e profissional exibir seus vídeos na rede mundial de computadores de forma gratuita. Desta maneira, os vídeos se propagam para todos os meios de comunicação de massa e passam a ser produzidos permitindo a intercomunicação de forma global.

As mudanças ocorridas nos últimos dez anos na área da tecnologia e comunicação colaboraram para popularizar a internet, os recursos tecnológicos e o seu uso. Em sintonia com estas mudanças, os jovens seguem produzindo seu próprio material audiovisual. Porém, como fica esta ação dentro do espaço escolar? Como são criados os vídeos estudantis? Será que os professores receberam formação para trabalhar a produção de vídeo com seus alunos?

OLHANDO DE DENTRO – UMA PESQUISA INICIAL COM PROFESSORES

Pensando em encontrar respostas às questões da sessão anterior, realizou-se uma pesquisa exploratória, onde foram convidados professores da rede municipal de ensino, vinculados ao grupo de pesquisa e extensão de Produção de Vídeo Estudantil da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), coordenado pelo Prof. Dr. Josias Pereira pertencente ao Curso de Cinema do Centro de Artes. Solicitou-se à coordenação do grupo o contato de professores que produziam vídeo com seus alunos e que participavam ativamente do grupo de pesquisa.

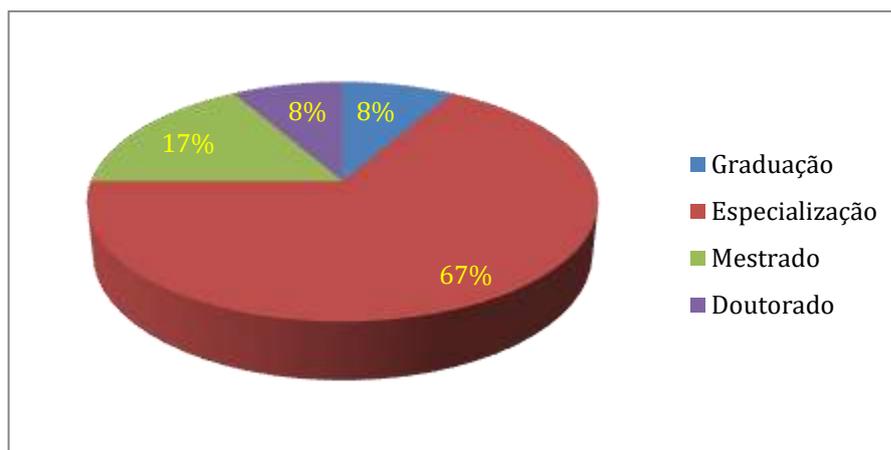
Somando um total de trinta contatos, pôde-se estabelecer a pesquisa exploratória, que buscou informações sobre o perfil dos participantes e sua relação com a produção de vídeo. A pesquisa foi desenvolvida com o a participação voluntária dos professores convidados, a qual foi disponibilizada *online*, no período de 05 de agosto a 05 de setembro de 2019, em um formulário do Google denominado “Produção de vídeo na formação acadêmica”, sendo enviado por e-mail para os trinta professores indicados pela coordenação do grupo, contendo cinco questões, sendo três abertas e duas de múltipla escolha.

Dos dados analisados nas respostas dos professores participantes da pesquisa exploratória, realizada para a escrita deste artigo, emergem dois gráficos que demonstrarão a quantificação dos dados coletados.

Dos trinta professores convidados, doze responderam as questões contidas na pesquisa exploratória. A primeira e a segunda questão foram abertas e abordavam o gênero e o local onde morava o professor respondente. De acordo com a resposta dada notou-se que eram todos do gênero feminino, habitantes de localidades do estado do Rio Grande do Sul, encontrando-se distribuídos nas cidades de: Capão do Leão, Morro Redondo, Rio Grande, Pelotas e São Lourenço do Sul.

A terceira questão (múltipla escolha) buscou conhecer a formação acadêmica das professoras respondentes, a qual é apresentada na imagem 1.

Imagem1: Formação Acadêmica

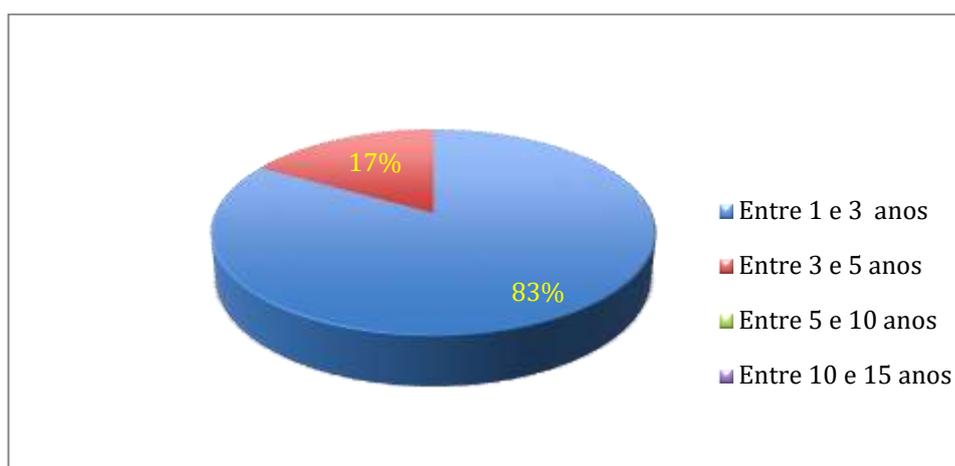


Fonte: Dados da pesquisa exploratória, 2019.

De acordo com a resposta, percebeu-se que o maior número de professoras respondentes, são as que possuem especialização totalizando oito professoras, as demais têm outras formações, sendo, duas no curso de mestrado, uma na graduação e uma no curso de doutorado. Nota-se neste dado uma preocupação das professoras com a aquisição de conhecimentos após a graduação, ou seja, se faz presente a formação docente continuada.

No gráfico 2, observa-se a resposta dada à quarta questão (múltipla escolha) que versava sobre quanto tempo os entrevistados produzem vídeo com seus alunos.

Imagem2: Tempo de produção de vídeo estudantil



Fonte: Dados da pesquisa exploratória, 2019.

Como observado na imagem 2, todas as professoras responderam ter produzido vídeo com seus alunos durante um intervalo de um a cinco anos. Este fenômeno dado pela produção de vídeo por parte destas professoras teve seu início timidamente, no ano de 2014 (há cinco anos atrás) e hoje em 2019 este número aumentou significativamente, diante desta estimativa, pode-se pensar que a produção de vídeo em sala de aula é algo que vem crescendo em nossas escolas e que pode ser capaz de influenciar na produção de conhecimento, ou como defendem, Borba e Villareal (2005) o conhecimento é produzido por um coletivo, composto por seres-humanos-com-mídias, ou seja, o conhecimento se dá pela interação entre os indivíduos e as mídias.

Partindo do pressuposto que produzir vídeo faz parte do momento histórico vivido pelos nossos alunos, e que isso faz parte da realidade deles, no momento em que o professor trabalha com esta ferramenta na sala de aula, está popularizando estes artefatos tecnológicos e dando um passo criativo em favor da educação, propiciando aos alunos uma experiência divertida e criativa, onde poderão construir seu aprendizado.

Deste modo, quando a escola, abre espaço para que os alunos produzam seus vídeos, ela está inovando, tanto na teoria quanto na prática. Ao utilizar um estilo de aprendizagem que pode influenciar o ato do aprender, o professor explora as potencialidades individuais de cada um, tornando o aluno ativo no seu processo de aprendizagem, pois ele precisa aprender não somente a parte técnica do fazer vídeo, mas também, deve pensar em sua poética, ou seja, em como ele deseja passar o tema do seu vídeo para emocionar outros alunos.

Entretanto, apesar do crescimento da produção de vídeo por parte dos professores em sala de aula, dentro do espaço escolar, ainda existe muita resistência à produção de vídeo estudantil. Porém, ainda que se compreenda que os meios tecnológicos tornam possível aos alunos e professores a familiarização com o uso e multiplicidade de tecnologias existentes na sociedade, permitindo a desmistificação e democratização da informação e do conhecimento, verifica-se este problema, que pode estar relacionado, ao medo do novo, ou por não saber o quê, e/ou como fazer – um certo desconhecimento das possibilidades educativas proporcionadas por esta produção. Estes fatores podem estar ligados à formação docente – inicial ou continuada – ou outras questões inerentes ao funcionamento do sistema escolar.

Diversos fatores interferem no desenvolvimento de práticas com tecnologias de informação e comunicação (TIC) na escola, como por exemplo, os problemas de ordem material e física, ou seja, falta de espaço adequado e recursos qualificados à atuação

pedagógica, que impedem sua utilização por falta de manutenção e oferta de equipamentos (ZAMPERETTI; ROSSI, 2015). Existe ainda a proibição do uso de aparelhos celulares ou algumas restrições de uso no contexto de sala de aula em instituições públicas, amparadas por legislações estaduais, conforme o art. 1º da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul (Lei nº 12.884, de 03 de Janeiro de 2008), que dispõe sobre a utilização de aparelhos de telefonia celular nos estabelecimentos de ensino.

Pode-se pensar então que a utilização das tecnologias digitais em sala de aula para a produção de vídeos somente é possível quando o professor se dispõe à inovação, quando sai de sua “zona de conforto, em que tudo é conhecido, previsível e controlável” (BORBA; PENTEADO, 2001, p. 54) e vai em direção à “zona de risco”, onde provavelmente terá que lidar com diversos problemas técnicos e metodológicos, entre outras imprevisibilidades. De outra forma, a facilidade de acesso aos *smartphones* provoca polêmicas nas escolas, pois muitos professores/as não se vêm preparados/as para um trabalho pedagógico que envolva essas novas tecnologias, e acabam alegando que os estudantes apresentam falta de atenção e desempenho nas aulas pelo uso constante dos mesmos.

Em pesquisa recente, sobre o uso prático das tecnologias no curso de Licenciatura em Pedagogia das seis principais universidades do Rio Grande do Sul (UFPEL, FURG, UFRGS, PUCRS, UNISINOS, UFSM), Pereira e Mattos (2017) indicaram que apenas dois cursos apresentam uma disciplina sobre tecnologias em seus currículos. Analisando os conteúdos trabalhados na disciplina, os autores concluíram que são apenas teóricos e não apresentam nenhuma atividade prática. Ou seja, não existe prática audiovisual nos referidos cursos e nenhuma disciplina ligada a audiovisual que ensine a produzir vídeo.

Refletindo sobre estes dados, surge a quinta questão (aberta): Se na sua formação acadêmica tivesse aulas de produção de vídeo, você acha que isso poderia ser útil e colaboraria com a utilização desta ferramenta tecnológica no seu dia a dia como professor (a)? Por quê?

Pensando em preservar a identidade das professoras, as falas referentes à questão aberta, serão indicadas pela letra “P”, adicionada a um número.

Na pesquisa exploratória realizada, os professores respondentes foram unânimes em dizer que “sim”, seria importante que em sua formação acadêmica houvessem aulas práticas que versassem sobre a produção de vídeo, como é o caso das professoras P1 e P2 que afirmam:

P1: Sim. Com certeza teria mais domínio e segurança sobre as técnicas e facilitaria a utilização em meu trabalho em repassar para os alunos e alunas.

P2: Sim. Se tivesse contato com essa linguagem antes já teria mais subsídios para qualificar o trabalho e orientar os alunos com mais qualidade.

A fala destas professoras demonstram que o fato de ser ofertado na sua formação uma disciplina que contemplasse a produção de vídeo, estas teriam mais segurança e domínio das técnicas, além de orientar os alunos com mais qualidade na produção de seus vídeos. Estas falas vão ao encontro de Porto (2010), que defende que as tecnologias e informação e comunicação (TIC) no ensino podem contribuir no processo de comunicação e interação entre professor/alunos, pois estas proporcionam novas formas e diferentes processos que conduzem apelo menos, quatro situações:

- a) tornar o ambiente da escola como um espaço produtor de conhecimento;
- b) introduzir mudanças no cotidiano escolar a partir dos meios de comunicação;
- c) apropriar-se de linguagens tecnológicas e refletir sobre a realidade por meio de processos dialógicos;
- d) “considerar a importância do lazer, do prazer e do envolvimento emocional existentes no ensino/aprendizagem, tornando-o dinâmico e interessante” (PORTO, 2010, p. 45).

Analisando as ideias da autora, percebe-se que a tecnologia pode ser usada como o carteiro que entrega a mensagem, ou seja, o suporte. No entanto, por trás desta ação tecnológica está a ação docente, que deve ser realizada para que a ação da tecnologia não seja inócua, sem sentido. Dentro deste contexto, destaca-se a fala da P3, que afirma:

Certamente que o uso desta ferramenta colabora para o processo ensino-aprendizado entre professor e aluno, pois desperta a descoberta, a curiosidade, além de ser uma técnica nova para o fazer e o saber!

Nesse sentido, pode-se dialogar com Freire (1976), quando o mesmo apresenta a curiosidade do aluno diante do novo e a necessidade do educador buscar entender esse processo:

Exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se (FREIRE, 1976, p. 27).

Para o autor, a curiosidade, a reflexão e a invenção são importantes à ação pedagógica do sujeito, pois possibilitam ao professor rever a sua prática e planejamento docente.

McLuhan (1972), há mais de 40 anos, assinalava que as instituições escolares desperdiçavam energia para preparar seus estudantes para um mundo que já não existia, explicando que a educação não pode pretender ser uma atividade que quer mudar o mundo sem admitir que ela mesma possa sofrer algumas mudanças. Provavelmente produção de vídeo pode realizar mudanças nas práticas escolares, conforme afirmam os professores P4 e P5:

P4: Sim, pois os vídeos estão presentes em nosso cotidiano e podem ser uma excelente ferramenta para o professor desenvolver aprendizagens junto com seus alunos.

P5: Sim, porque o trabalho realizado com a ajuda da tecnologia funciona como um dispositivo que motiva o aluno para suas produções, pois ele agiliza ferramentas que já estão inseridas no seu cotidiano.

A fala da P4 e da P5 remetem à afirmação de Pereira (2012), que diz que a produção de vídeo estudantil possibilita ao docente conhecer a realidade do aluno em função do tema do roteiro escolhido. Assim, é o momento que o aluno tem voz dentro do espaço escolar e apresenta um pouco de seu mundo simbólico. Segundo o autor, o vídeo quando utilizado em sala de aula, possibilita atividades que envolvem diretamente o cotidiano dos alunos e talvez por isso chame tanto a atenção dos que se encontram envolvidos com essa tecnologia, além de ter uma ação dialógica entre professor e aluno, como afirma Freire (2004):

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2004, p. 91).

Freire (2004) e Pereira (2012) apontam que quanto mais o professor abre diálogo com seus alunos, maiores serão os avanços na relação professor e aluno, quanto maior essa relação de afetividade, maior o alcance da aprendizagem. Pereira defende que na produção de vídeo, a aproximação do professor e aluno acontece de forma autônoma, e que ao produzir vídeo com o aluno, o professor compreende sua realidade e o que ele deseja comunicar.

Porém, apesar do vídeo ser um referencial para os jovens da atualidade e a sua produção dentro do espaço escolar ser uma crescente, em algumas escolas, é possível encontrar preconceito por parte do corpo docente, sobre a produção de vídeo estudantil, como apresentam Pereira e Dal Pont (2018), no livro: “Como fazer vídeo estudantil na prática de sala de aula”, que mescla ficção com a realidade vivida em sala de aula. Na história, a personagem principal professora Cris, sofre preconceito por parte de outros professores quando resolve produzir vídeo com seus alunos, e ao mesmo tempo ela tem o apoio dos alunos para sua realização. Esta estória representa muitas situações relatadas por professores que produzem vídeos com seus alunos. Infelizmente muitos educadores tem medo da mudança, que é tão defendida por Freire e necessária nos dias atuais. Ficção ou realidade, o que os alunos vivenciam em suas histórias tem relação com suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste artigo, um olhar sobre a formação dos professores e a produção de vídeo estudantil. Apesar de fazer parte rotineira da vida dos alunos se estes, buscarem não apenas serem consumidores, mas também produtores de vídeos, a inserção da produção do vídeo dentro da escola não é uma missão simples.

Ao relatar que em sua prática pedagógica produzem vídeo com seus alunos, os professores demonstram que esta ação pode ser uma excelente ferramenta para desenvolver atividades de aprendizagem com os mesmos. Quando esta ação é utilizada dentro da sala de aula, o professor e seus alunos passam pelo processo de produção, e é neste momento que se contempla a construção, assimilação e a socialização de conhecimentos.

Outro ponto a ser considerado é a relação com o saber, pois se observa que para compreender as novas formas de se lidar com o saber é preciso estar atento às rápidas transformações contemporâneas. As tecnologias, como os vídeos, podem viabilizar o trabalho pedagógico, explorando as múltiplas maneiras de aprender, ou seja, os diferentes estilos de aprendizagem. Nesta perspectiva, assegura-se que a produção de vídeo realizada pelos professores e alunos, dentro do espaço escolar, evita a dicotomia entre os saberes do mundo e os saberes da escola, conduzindo a uma prática voltada a realidade cotidiana.

Verificou-se que apesar da prática da produção de vídeo ser uma crescente dentro das escolas gaúchas, encontra-se ainda, muita resistência por parte docente. A causa para isso estar acontecendo pode ser a falta de formação – inicial e continuada, como mencionado no

texto. A falta de uma formação contínua inviabiliza o professor de refletir sobre sua prática, e esta falta de reflexão pode fazer com que o professor repita o mesmo planejamento durante anos, não levando em conta as mudanças políticas, sociais e econômicas que o cerca em determinado contexto histórico, não permitindo assim, que a realidade faça parte do dia a dia da sala de aula.

Comprovou-se que a totalidade dos professores considera que em sua formação, seria preciso a existência de uma disciplina que contemplasse a produção de vídeo, pois assim sairiam da graduação com domínio e segurança para utilizarem esta ferramenta com seus alunos.

Espera-se que este trabalho, contribua de forma significativa para a reflexão sobre formação de professores e a prática da produção de vídeoestudantil, e que o leitor possa associar a sua realidade buscando aprofundar-se nas experiências e no contexto sobre o desenvolvimento de práticas educativas com novas tecnologias.

REFERÊNCIAS

ANATEL. **Agência Nacional de Telecomunicações**. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/dados/destaque-1>. Acesso em: 23 jul. 2019.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2018. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php. Acesso em: 23 jul. 2019.

BORBA, M. C.; PENTEADO, M. G. **Informática na Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BORBA, M. C.; VILLARREAL, M. E. **Humans-With-Media and the Reorganization of Mathematical Thinking: information and communication Technologies, modeling, experimentation and visualization**. v. 39, New York: Springer, 2005.

CBPEV. **Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil**. 2016. Disponível em: <https://videoestudantil.com.br/livro-cbpve/>. Acesso em: 30 set. 2019.

DANTAS, T. **"Youtube" – Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>. Acesso em: 04 out. 2019.

EXAME. **Revista on-line**. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/fRq3L2>. Acesso em: 24 jun. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 38 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra. 1976.

127

MCLUHAN, M. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Nacional, 1972.

PEREIRA, J. ; JANHKE, G. **Produção de vídeo nas escolas: educar com prazer**. Pelotas: ErdFilmes, 2012.

PEREIRA, J. ; DAL PONT, V. **Como Fazer Vídeo Estudantil na Prática de sala de aula**. 1 ed. Pelotas: UFPEL, 2018.

PEREIRA, J. ; MATTOS, D. P. A Utilização das Tecnologias na Prática da Sala de Aula: Entre Práticas e Teorias que se Distanciam. In: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, 2017, UNESP/SP. **Anais do VI Congresso Brasileiro de Educação: v.3 educação e formação humana: práxis e transformação social: relato de pesquisas**. Online. 2017. Disponível em: http://www.cbe-unesp.com.br/2017/pages/anais_cbe_v03.pdf. Acesso em: 30 set. 2019, p.860-867.

PORTO, T. M. E. Pesquisa-ensino: relação universidade/escola e articulação teoria/prática. In: PENTEADO, H. D. ; GARRIDO, E. (orgs.). **A pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010.

UFPEL. Universidade Federal de Pelotas. **Projeto de Produção de Vídeo Estudantil**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/producaodevideo/>. Acesso em: 22 agost. 2019.

ZAMPERETTI, M. P.; ROSSI, F. D. **Tecnologias e ensino de Artes Visuais – apontamentos iniciais da pesquisa**. Holos (Natal. Online), v. 8, 2016. <https://doi.org/10.15628/holos.2015.2031>. p. 190-200.